

AQUEDUTO DAS ÁGUAS LIVRES

– UMA REFERÊNCIA NA LOCALIDADE

O aqueduto não é só Lisboa. A Amadora e outras localidades vizinhas deram o seu contributo, não só em espaço, mas também em águas, pedra e recursos humanos.

Sobre a construção desta grandiosa obra existe muita informação escrita. Todo o encanamento foi feito com a principal finalidade de levar o precioso líquido, de excelente qualidade e pureza, aos chafarizes de Lisboa. Nessa altura, século XVIII, era impensável ter água canalizada nos prédios, por isso os lisboetas abasteciam-se nesses mesmos chafarizes, ou compravam a água em barris aos vendedores de porta-a-porta, os "galegos", os quais, por sua vez, também iam encher o vasilhame nessas mesmas fontes do aqueduto.

A obra não pode ficar resumida à arcaria de Campolide, nem à Mãe-de-Água das Amoreiras, conquanto sejam estes os núcleos mais visíveis pela sua grandeza e arquitectura, outras estruturas bem complicadas, como o sistema de galerias, umas enterradas outras sobre a terra, ramais subsidiários e nascentes, foram também de grande importância no transporte do precioso líquido à capital.

Teve o território da actual Amadora um papel fundamental no desenvolvimento da grandiosa obra, não só dando passagem ao respectivo ramal, mas também com as suas minas e nascentes, pedra, cal, carros de bois para transporte da pedra e respectiva mão-de-obra.

O aqueduto, por sua vez, também deu um relevante desenvolvimento à localidade, fixando por cá alguma gente envolvida na obra, fizeram-se alguns casamentos entre operários e saloias, lojas e vendas de comida foram abertas, bem como estalagens. Tudo começou com a desarborização, corte de matos rasteiros, de alguns olivais e vinhas. O risco da obra, na parte amadorese, seguiu o trajecto de um velho túnel, talvez romano, mas os restos desse aqueduto também poderiam ter sido do tempo dos mouros, portanto de tempos remotíssimos, o qual, segundo alguns historiadores, chegou a levar água à capital.

A ermida da Lapa, hoje igreja da Falagueira, foi construída à ilharga de um dos respiradores da obra, com pedra sobrance e talhada pelos canteiros do aqueduto. Sem o aqueduto não existiria a capelinha, baptizada, em 15 de Novembro de 1759, com o nome de Nossa Senhora da Lapa. O templo foi levantado pelo povo e autorizado a requerimento de um punhado de homens e mulheres da povoação, num território, até ao início da obra do aqueduto, escassamente povoado. Com o levantamento da ermida, as almas começaram a ouvir as trindades, pois a igreja de Benfica ficava longe. Eram estes uns lugarejos insignificantes, compostos de terras de sementeira, campos de restolhos de trigo e milho, algumas árvores de frutos, moinhos de vento e com alguma fertilidade de pastos nas baixas

dos montes, cereais nas encostas, alguns gados, e os campos da Falagueira e da Reboleira, sempre bem cultivados de triguais.

No entanto, a localidade (Amadora), para além dos problemas surgidos a alguns proprietários com as respectivas expropriações, teve também os benefícios do direito a parte da água, como mais à frente veremos.

A construção do aqueduto foi autorizada por decreto régio de 12 de Maio de 1731, mas a obra só teve início a 16 de Agosto de 1732, dia de calor intenso.

Foi dada como acabada 67 anos depois, conquanto a capital já recebesse água desde 1748, outros aquedutos subsidiários e, por vezes, a interrupção das obras fizeram prolongar no tempo o empreendimento.

A REDE NA AMADORA

No território da actual Amadora os alicerces e galerias afectaram algumas terras agrícolas, com o derrube de alguns moinhos, esventrados alguns casais e quintas, sem contemplanções fosse por quem fosse, a ordem de dar passagem ao ramal era rígida e irreversível, o alvará de D. João V, de 12 de Maio de 1731, veio pôr um travão nas discórdias, ordem e serenidade na discussão "...e que se siga por onde melhor for decidido, independentemente dos proprietários das terras que tiver que utilizar, dando a faculdade à Câmara para expropriar ou comprar os terrenos necessários, sem que os processos daí decorrentes atrasassem o andamento dos trabalhos..." Rezava assim a ordem real.

O contributo da localidade amadorese foi relevante ao contribuir para o aqueduto principal com as águas da Fonte Santa, este aqueduto, com 581 metros, foi um dos ramais subsidiários mais importante. Em Carenque, juntavam-se-lhe os aquedutos dos Marianos, com 240 metros; do Almarjão, com 132 metros; da Rascoeira, com 406 metros; de São Brás, com 80 metros; e das Galegas, com 1247 metros.

Na Porcalhota, neste caso a jusante, próximo da Reboleira, apanhou as águas canalizadas vindas do aqueduto das necessidades e, já no fim dos dezanove arcos da Damaia, na chamada clarabóia redonda, recolheu os mananciais vindos do encanamento do Outeiro.

Ainda na Buraca, recolheu, além de dois ramais de minas com nascentes, o aqueduto das Francesas, com prolongamento até à Serra de Carnaxide. As obras deste aqueduto, também um dos mais importantes, foram interrompidas em 1772, por falta de verba, e só mais tarde ficaram concluídas.

Ainda na actual Amadora várias nascentes foram encaminhadas para o aqueduto principal, como as dos proprietários: Biester, Barbosa, Jorga, Casal do Alto, da Mata, do Almeida, do Escuro, do Barruncho, do Almarjão, Vila Chã, Gargantada, do José Justino Alves, do Pocinho, do Príncipe, dos Marianos, da Viúva Ferraz, de São Brás, da Galega, do Casal da Bonita, do Conde de Farrobo, do Marco, dos Frades, do César Gomes, do Ferraz de Lima, do Pastor, da Buraca, de Alfragide, do Cipriano, do Costa do Avó, etc, nestes casos uns com portas do aqueduto principal e claraboias, outros com nascentes, aquedutos subsidiários e descarregadores, encanamentos particulares, como o de Conde de Palmela e muitos outros, uns construídos antes e alguns depois do principal começar a funcionar, sempre com a preocupação de levar a maior porção de água a Lisboa e evitar-se a falta do precioso líquido em anos de maior seca.

A definição do percurso da obra não foi fácil. Para além dos problemas levantados com a construção do ramal de Campolide, o qual deu muita "água pela barba" a engenheiros e mestres das águas livres, também na Porcalhota a situação não teria sido muito pacífica, o mesmo acontecendo na arcaria da Damaia, com muita confusão, com muitos jogos de interesses, rivalidades e invejas.

Sucediam-se as tentativas de fugir às expropriações. Muita discórdia, as "cunhas" a tentarem influenciar. Não foi fácil e, em alguns casos, houve pulso firme para levar por diante a grandiosa obra. Depois de pronto, o aqueduto visto de longe, mais parecia uma muralha a dividir e a circundar um bom

(Continua na página 8)



AQUEDUTO DAS ÁGUAS LIVRES

– UMA REFERÊNCIA NA LOCALIDADE



Uma das nascentes de São Brás, com valioso contributo para o Aqueduto.

(Continuação da página 1)

espaço do território da actual Amadora e noutros pontos a rasgar a parte mais central da localidade. Até 19.9.1836 as obras não passavam de um conjunto de trabalhos dispersos por vários aquedutos em parte sem ligação entre si (Porcalhota/São Brás/Carenque/Fonte Santa.

Em 1738, já estava concluído o aqueduto de São Brás.

QUE GANHOU A AMADORA COM O AQUEDUTO

A povoação, posto que pobre na aparência de então e vivendo sobretudo do

amanho das terras, não estava decadente, mesmo com alguns terrenos áridos e pouco agricultados, daí ter motivado alguns operários da obra a fixarem-se por cá, mesmo depois do aqueduto acabado. Desenvolveu-se o comércio e as estalagens, ganhou água em alguns chafarizes para abastecimento público, bebedouro de animais e tanques de lavagem de roupa.

O chafariz da Falagueira foi o primeiro a verter água na localidade. Quando ainda se procedia às obras do aqueduto, apareceu no

alicerce do mesmo uma reduzida nascente de água, à qual não foi dada grande importância por se localizar abaixo da linha do encanamento.

Alguns moradores fizeram chegar à Junta das Águas Livres o seu interesse por aquele veio de água. Feita uma vistoria em 15 de Setembro de 1773, aquela entidade mandou fazer uma bica e um tanque. O pedido dos moradores ia no sentido de ser levada ao centro do lugar, só assim teria maior e melhor aproveitamento. E deram o alvitre de ser feito o chafariz na então Estrada Real, hoje Rua Elias Garcia, não tendo sido considerado por, segundo os arquitectos, não ser a água suficiente para ser levada ao sítio onde o povo a pretendia. Ficou, por isso, onde inicialmente estava prevista, ou seja com uma bica de pedra metida na parede do aqueduto, com um tanque para gado. Os sobejos corriam para a ribeira da Falagueira, ou de Alcântara como oficialmente era conhecida. A ideia dos moradores iria concretizar-se alguns anos mais tarde, com a construção de outro chafariz, sobre o qual falaremos mais à frente.

Sobre a construção dos chafarizes no território da actual Amadora, já nestas colunas fizemos o respectivo historial. Por isso, nesta crónica falaremos apenas dos resultantes da construção do Aqueduto das Águas Livres.

O chafariz da Gargantada foi feito na altura do encanamento para o de Queluz da nascente do Pomarinho, depois de ter sido comprada ao seu proprietário José Justino Alvares. Esta compra não foi pacífica, pois as partes não se entendiam. A escritura foi feita a 19 de Abril de 1809, e o encargo saiu directamente das despesas das obras das Águas Livres.

O chafariz da Damaia foi mandado fazer debaixo do terceiro arco, depois de despacho datado de 1 de Março de 1826. Foi feito um roço na cantaria e meteram-lhe um taco de pedra com um tubo de ferro. O chafariz vertia para um tanque e os sobejos deste para a herdade da Sra. Josefa, propriedade encostada à arcaria do aqueduto.

O de Carenque remonta a 1836. Um taco de pedra introduzido na cantaria do aqueduto geral, com um tubo de ferro. Tinha cinco pias unidas para bebedouro do gado, correndo os sobejos para o rio.

Na Porcalhota, o chafariz foi feito em cima da abóboda do aqueduto geral, na entrada da Azinhaga do Bosque. A construção do chafariz criou muita celeuma, pois os proprietários da quinta do Bosque rejeitaram sempre a sua construção no local onde acabou por ficar, assunto a merecer recursos a tribunais, mas com o povo a vencer tal contenda. A primeira água do chafariz correu a 29 de Outubro de 1850. A população



O Aqueduto há cem anos, na Amadora.

ganhou o chafariz no local pretendido e, com isso, estava reposta a justiça que anos antes havia sido recusada quanto ao da Falagueira, como atrás referimos. Ligeira descrição: desde a tomada da água, até à quina da ermida da Lapa, foram aproveitados para o encanamento 180 palmos de um antigo desaguadouro do aqueduto das Galegas, sendo depois feitos mais novecentos palmos de encanamento de chumbo. A água corria por duas telhas de ferro estanhado, dadas pelos habitantes, os quais também ajudaram com cascões, lagedos, pedras e mão-de-obra. Tinha um bom tanque para o gado beber e os restos corriam para a ribeira, a passar ali perto.

Este chafariz ainda hoje existe, conquanto desactivado, em local diferente daquele onde foi construído.

Este um pequeno memorial da construção do Aqueduto, hoje monumento nacional, de arquitectura barroca e neoclássica, a rasgar uma grande parte do solo amadorenses (8 quilómetros) e a merecer, quanto a nós, a devida atenção, ao marcar uma época e a contribuir para resolver os problemas de águas com que os lisboetas então se debatiam.

Alves Silva